

Coordenador: DR. JORGE ALBERTO FONSECA CALDEIRA

Prof. Titular de Oftalmologia

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

ORGÜL, S.; GASPAR, A. Z.; HENDRICKSON, P. & FLAMMER, J. - **Comparison of the severity of normal-tension glaucoma in men and women.** *Ophthalmologica* 208: 142-144, 1994.

**Resumo:** Com a finalidade de determinar se a lesão em glaucoma de pressão normal é mais pronunciada em homens ou mulheres, foram analisados o dano de campo visual, a pressão intra-ocular, a idade, a frequência de reação vasospástica na extremidade ao resfriamento local e a frequência de cefaléia em 28 pacientes consecutivos com glaucoma de pressão normal recentemente diagnosticado. A diferença entre sexos no que diz respeito a defeito médio de campo visual foi significativa ( $9,4 \pm 1,3$  dB em homens e  $6,7 \pm 1,0$  dB em mulheres;  $p = 0,034$ ); esta diferença não pode ser explicada por outras variáveis. Como a população examinada era relativamente jovem, esta pesquisa sugere que o glaucoma de pressão normal é mais grave em homens, em uma fase inicial da doença.

---

KODSI, S. R.; SHETLAR, D. J.; CAMPBELL, R. J.; GARRITY, J. A. & BARTLEY, G. B. - **A review of 340 orbital tumors in children during a 60-year period.** *American Journal of Ophthalmology* 117: 117-182, 1994.

**Resumo:** Revimos casos de tumores orbitários comprovados por exame histopatológico em crianças da nossa instituição, durante um período de 60 anos, para determinar a distribuição dos vários quadros patológicos e sua tendência ao longo do tempo. Estudamos as observações clínicas e espécimes patológicas de 340 pacientes, com idade de 18 anos ou menos, submetidos à biópsia para massa orbitária, de 1932 a 1991. Os tumores mais comuns foram os cistos (79) em 340; 23,2%), lesões vasculares (60 em 340; 17,6%), neoplasias do nervo óptico e das meninges (56 em 340; 16,5%), massas inflamatórias (29 em 340; 8,5%), lesões ósseas e fibrocísticas (27 em 340; 7,9%) e rabdomyosarcoma (24 em 340; 7,1%). A frequência total de tumores malignos foi 18,2% (62 em 340): 11,5% (39) foram tumores primários e 6,8% (23) foram tumores secundários e metastáticos. A frequência de tumores malignos orbitários foi 25,4% (36 em 142) nos primeiros 30 anos (1932 a 1961) e 13,1% (26 em 198) nos últimos 30 anos (1962 a 1991). A percentagem de tumores malignos primários orbitários foi quase idêntica no primeiro e no segundo períodos [11,9% (17 em 142) e 11,1% (22 em 198), respec-

tivamente]. Contudo, neoplasias orbitárias secundárias e metastáticas ocorreram em 13,4% (19 em 42) dos pacientes durante os primeiros 30 anos e somente em 2,0% (4 em 198) durante os últimos 30 anos. A frequência de tumores malignos orbitários primários em material de biópsia permaneceu a mesma durante 60 anos. Contudo, a incidência global de espécimes de biópsia mostrando um tumor maligno decresceu como resultado da redução do número de neoplasias secundárias e metastáticas submetidas à biópsia.

---

SEKIYA, H.; JASEGAWA, S.; MUKUNO, K. & ISHIKAWA, S. - **Sensitivity of nasal and temporal hemiretinas in latent nystagmus and strabismus evaluated using the light reflex.** *British Journal of Ophthalmology* 78: 328-331, 1994.

**Resumo:** Com o objetivo de determinar o componente sensorial em pacientes com nistagmo latente com ou sem esotropia ou exotropia, e em pacientes com esotropia ou exotropia, foram medidas, usando pupilografia eletrônica infra-vermelha, reações pupilares a estímulos luminosos de 5 graus de diâmetro na fóvea (centro), a 5 graus nasalmente ao centro a 5 graus temporalmente ao centro; a seguir, o modo da constricção pupilar e a velocidade máxima de constricção pupilar foram analisados. Em olhos não-dominantes o aspecto sensorial da retina nasal e da retina temporal foram mais altos quando comparados com olhos normais e eles também tenderam a ser mais altos do que o da fóvea (centro), especialmente em pacientes com nistagmo latente e esotropia. Em pacientes com esotropia ou exotropia o aspecto sensorial da retina nasal em olhos não-dominantes e da retina temporal aumentaram até um nível semelhante àquele da fóvea (centro). A magnitude dessas anormalidades foi maior em pacientes com nistagmo latente e esotropia, em pacientes com nistagmo latente, e em pacientes com nistagmo latente e exotropia, em pacientes com esotropia e em pacientes com exotropia, nesta ordem. Com estes resultados, pode-se admitir que o desequilíbrio é transmitido ao sistema motor, tendo como resultado o aparecimento de nistagmo latente.

---

KUBOTA, T.; KÜCHLE, M. & X. NGUYEN, N. - **Aqueous flare in eyes with age-related macular degeneration.** *Japanese Journal of Ophthalmology* 38: 67-70, 1994.

**Resumo:** Não é sabido se o “flare” do humor aquoso aumenta em olhos com lesões do fundo que não melanoma maligno da coróide. Assim sendo, foi estudado o “flare” do humor aquoso em olhos com degeneração macular relacionada a idade (DMRI), usando um dispositivo a laser para medida do “flare”. Quarenta e três olhos de 27 pacientes com DMRI (idade de  $67,0 \pm 14,0$  anos, faixa de 43 a 81 anos) e 41 olhos sadios de 41 indivíduos selecionados ao acaso, com idade e sexo comparáveis ( $68,9 \pm 9,8$  anos, faixa de 43 a 89 anos) foram examinados. Os valores de “flare” em olhos do DMRI foram  $0,28 \pm 0,18$  mg/ml, sendo significantes em comparação com o controle ( $0,12 \pm 0,05$  mg/ml). As diferenças entre os sub-grupos de DMRI não foram significantes ( $P > 0,5$ ): drusas na mácula ( $0,21 \pm 0,05$  mg/ml,  $n = 6$ ), neovascularização subretiniana sem hemorragia subretiniana marcada ( $0,27 \pm 0,15$  mg/ml,  $n = 19$ ), neovascularização subretiniana com hemorragia subretiniana marcada ( $0,29 \pm 0,24$  mg/ml,  $n = 7$ ) e cicatriz disciforme ( $0,31 \pm 0,24$  mg/ml,  $n = 9$ ).

---

FRIEDMAN, N.; HAEGERSTROM-PORTNOY, G.; PAUL, O. & JAMPOLSKY, A. - **Foveal vision function before**

**and after fluorescein angiography. *Investigative Ophthalmology & Visual Science* 35: 3566-3570, 1994.**

**Resumo:** A angiografia fluoresceínica é usada rotineiramente na prática oftalmológica com alterações mínimas da visão descritas pelo paciente após o procedimento. Recente investigação em animal sugeriu que a fluoresceína possa ser citotóxica na presença da luz e causar dano retiniano. Os autores investigaram a ocorrência de qualquer alteração na função visual foveal após angiografia fluoresceínica. Uma bateria de testes de função visual incluindo acuidade visual, sensibilidade ao contraste, visão de cores e limiares de cores destinados a isolar vias individuais de cones - foi aplicada antes e 48 horas após angiografia fluoresceínica em um grupo de 10 pacientes com boa acuidade visual. A maioria mostrou anormalidades significantes com testes não estandarizados; contudo não foram encontrados alterações significantes da visão central 48 horas após angiografia fluoresceínica. Em conclusão mesmo testes de visão sensíveis não mostraram efeito mensurável da angiografia fluoresceínica sobre a função visual foveal em olhos com doença significante.